

S. Paio de Midões

MIDÕES, orago São Paio, era vigararia da apresentação do Reitor do Convento dos Loios do Porto. Tinha sido antes abadia, mas o seu abade João de Aguiar renunciou-a neste convento, sendo confirmada essa renúncia pelo Papa Paulo III no ano de 1534 ().

Divergem as opiniões acerca da origem da palavra Midões.

Segundo Pinho Leal, no seu Dicionário Portugal Antigo e Moderno, vol. 5.º, pág. 208, Midões vem do árabe *midam*, que quer dizer praça, arena ou terreiro onde se fazem escaramuças a cavalo, torneios, justas, jogos de cana, etc. Vem a ser o mesmo a que hoje se dá o nome de hipódromo.

Segundo o P.^e António Gomes Pereira, no seu livro Tradições Populares, Linguagem e Toponymia de Barcelos, a pág. 368, Midões deriva do genitivo *Midonis*, do nome próprio gótico *Mito* ou *Mido* (Mido aparece no Dipl. et Chart. doe. n.^{os} 9 e 26 e Midom doe. n.^o 10).

(1) *Céu Aberto na Terra*, livro 11, cap. XXXVI, pág. 512.

Segundo o prof. J. Bouças, em um artigo publicado no jornal de Viana do Castelo «Aurora do Lima», n.º 84 de 29 de Maio de 1929, *Midões* é uma variante de *Pilões*, de pila ou moinho de triturar cereais.

Os Lusitanos, antes da descoberta do moinho das duas pedras, ou mós, reduziam os cereais a farinha por meio de pilões.

Daqui veio o nome a freguesias ou lugares de Pilões, Pitões, Pico e Midões. Midões quer dizer pois, segundo esta versão, terra onde havia moinhos.

Esta freguesia está situada na encosta nordeste do monte de Maio e confronta pelo sul, com a de Santa Eulália de Rio Covo; pelo poente, com a de Remelhe; pelo norte, com Alvelos e Gamil e pelo nascente, com Várzea. É servida pela Estrada Camarária, mandada fazer em 1920, sendo Presidente da Câmara o Ex.^{mo} Sr. Dr. Miguel Fonseca, a qual partindo da Nacional n.º 4, do lugar de Ponteio, vai até Santa Eulália de Rio Covo, com uma ramificação para o Cemitério de Midões.

É banhada, na sua extremidade nascente, pelo rio Covo e é atravessada de norte a sul pela linha férrea Minho e Douro, estando dentro dos seus limites a Estação do seu nome, que até ainda há bem pouco tempo era conhecida por Estação de São Bento.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Costa, a da Igreja, a de Rio Covo, a da Codeceira, a da Cepa, a de Valdiz, a de Lamas, a de Tarrio e a de Mateus

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — De Sancto Pelagio de Midões e nelas dizem que o rei tem aqui alguns reguengos. Que o Senhor da Terra pousa em Midões onde quer, excepto na *quintana* de Menendo de Gois e que o mordomo pousa aqui onde quer e dão-lhe vida em qualquer mês, excepto naquela

quintana e nos casais que são do rei «nisi pro pane et pro directuris et pro quatuor calumpniis».

«In hereditate de Pelagio tronqueiro debet esse tronco, et non debet ire cum Maiordomo in mandatum. Et omnes alii hereditores vadunt in mandatum cum Maiordomo in termino de ipso castello.....

De hereditate de Petro Guzoi debent deferre conduitum Domino terre in termino de Faria.

Suerius Caldo fuit Maiordomo de terre, et Petrus Qallecus similiter».

Transcrevo em latim bárbaro, como lá vem, por ser de fácil inteligência.

Nos princípios do século XV apareceu vagueante por estes sítios uma estranha figura de homem.

O seu vestuário era o mais reduzido possível: vestia sobre a carne uma grosseira túnica, tão curta que apenas lhe chegava aos joelhos e nos braços não passava dos cotovelos. Descalço e com a cabeça descoberta, não travara conhecimento com qualquer barbeiro ou cabeleireiro havia muito tempo.

Apareciam muitas vezes em outros tempos, em lugares afastados do convívio social, ermitões que passavam vida austera e penitente em reparação de crimes e pecados dos seus semelhantes e muitas vezes dos próprios.

Na época em que estamos viviam Vicente «o Pobre» e sua mulher Catarina na sua tebaida da Franqueira.

Chamava-se o ermitão de Midões Joane «o Pobre» (nome que davam a todos os que desta maneira desprezavam a riqueza do mundo) natural da Catalunha, descendente da nobre Casa dos Condes de Urgel.

Deixou Joane «o Pobre» a pátria, a casa, os parentes e a riqueza e, depois da romagem a Santiago de Compostela, veio para aqui, onde fez assento no monte sobranceiro a esta freguesia e edificando uma ermida com

invocação de São Silvestre nela deu princípio à sua vida de anacoreta.

Em volta da ermida plantou uma vinha, cujas uvas dava aos pobres, pois ele alimentava-se apenas da broa que esmolava e da água da fonte.

Aos domingos e dias santificados ia ao convento de Vilar de Frades confessar-se e consultar com os frades matérias da sua consciência.

Algumas vezes na Igreja levantava a voz e fazia prédicas e outras percorria os casais a espalhar o bem, conforme o entendia.

Descia ao povoado a ajudar os lavradores pobres nas suas fainas agrícolas e durante esses trabalhos ou ficava por vezes extático e contemplativo, ou cantava ou chorava, rompendo muitas vezes em admoestações e exortações aos seus companheiros.

Assim viveu sossegadamente até que um dia, tendo admitido à sua companhia um outro homem, que parecia querer seguir o mesmo modo de vida, o ingrato hóspede o espancou e expulsou de sua casa.

Sem queixas, pacientemente, retirou-se para o fronteiro monte de Airó, onde construiu nova ermida dedicada ao mesmo patrono.

A história da sua enigmática vida neste último domicílio foi narrada na freguesia de Bastuço, à qual pertence aquela ermida de S. Silvestre.

A população de Midões no séc. XVI era de 18 moradores; no séc. XVII era de 76 vizinhos; no séc. XVIII era de 73 fogos; no séc. XIX era de 300 habitantes e pelo último censo da população é de 295 habitantes, sendo 153 varões e 142 fêmeas, sabendo ler apenas 49 homens e 16 mulheres.

Não tem escola oficial. A sua indústria é quase nula e o seu comércio está reduzido a uma loja de mercearia. Tem caixa do correio.

Os seus lugares habitados são: Igreja, Costa, Ponteio, Couto, Cepa, Ribeiro, Reborido, Outeiro, Monte, Arrabalde, Rio Côvo, Chapre e Codeceira e as suas casas mais importantes são: a da Costa, a de Chapre, a da Igreja, a de Ponteio, a do Laranjal, a de Reboridp, a do Arrabalde e a da Cepa.

Dos homens mais ilustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes a ela andam ligados, mencionaremos os seguintes:

Manuel da Costa Carvalho, filho do licenciado Francisco Pinheiro de Carvalho, foi o 10.º Morgado de S. Francisco em Barcelos e instituiu, por testamento de 20 de Setembro de 1715, o vínculo de Nossa Senhora de Oliveira de Casal de Nil, constituído por duas quintas em Casal de Nil, uma devesa em S. João de Vila Boa e um souto chamado de Reborido em Midões.

Outro *Manuel da Costa CARVALHO*, neto daquele, foi Cavaleiro-da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício, 12.º Morgado de S. Francisco e 2.º do de Nossa Senhora de Oliveira de Casal de Nil. Foi administrador da capela da casa de Reborido a quem se. referia o visitador em 1760.

Luís Carneiro de Sá Barbosa, Fidalgo da C, R. (12 de Abril de 1845), 12.º Morgado da Praça, em Vila do Conde, Tenente-coronel de Milícias, condecorado com a medalha de ouro das duas campanhas peninsulares, foi senhor da casa da Costa em Midões pelo seu casamento com D. Isabel Margarida Carneiro Pereira Coutinho de Vilhena.

António Carneiro Pereira Coutinho de Vilhena, filho dos anteriores, Fidalgo da C. R. (8 de Maio de 1845), 13.º Morgado da Praça e senhor da casa da Costa, casou com D. Maria do Carmo de Queiroz Machado de Vasconcelos, herdeira da Casa do Hospital em Monção, filha dos Barões do mesmo título.

Dr. José Joaquim Pereira Lopes de Albuquerque, natural de Barcelinhos, doutor em medicina pela Universidade de Bruxelas (Bélgica), foi senhor da casa de Ponteio nesta freguesia, onde faleceu em 1893.

P.^e António Gomes Pereira, nascido na casa de Chapre, desta freguesia, em 1858, ordenou-se de presbítero, dedicando-se algum tempo ao ensino livre em Braga, e paroquiou depois esta freguesia de Midões durante alguns anos.

Matriculou-se mais tarde no Curso Superior de Letras em Lisboa, cujo curso tirou com honrosa classificação.

Concorrendo aos lugares de letras, foi despachado professor para o Liceu de Vila Real, sendo transferido a seu pedido três anos depois para o do Porto, onde as suas qualidades intelectuais e pedagógicas em breve o puseram em destaque.

Afável e bondoso, desconhecia a vaidade e o orgulho; na intimidade era um puritano.

Trabalhador incansável, já minado pela tuberculose que o vitimou, escreveu, além de um c *Dicionário da Linguagem do Termo de Vila Real*», edição de 1910, vários artigos na «*Revista Lusitana*», coligiu versos e trovas e acompanhou sempre o movimento literário moderno.

Escreveu ainda «*Tradições, Linguagem e Toponymia de Barcelos*», obra tantas vezes por mim aqui citada, outros livros e folhetos que correm impressos, referentes a vários concelhos, e escreveu e colaborou em vários livros escolares.

Por conselho dos médicos veio para a sua casa de Chapre, na qual ainda viveu três anos, falecendo em Abril de 1913.

Deixou à Biblioteca do Liceu Rodrigues de Freitas do Porto, onde foi professor, quinhentos volumes de autores do século XVI, XVII e XVIII, os mais raros e selectos da

sua grande livraria, legando os restantes, que ainda eram muitos, à Biblioteca do Seminário da mesma cidade.

Jaz no cemitério de Midões este grande cidadão que foi um lídimo character e um notável homem de letras.

A Igreja Paroquial desta freguesia, baixa, pequenina, é antiga; no seu estilo românico simples, com a sua porta principal em arco com tímpano liso, com a sua cornija, tendo a da capela-mor cachorros em alguns dos quais se vêem ainda restos de figurado, é interessante e curiosa.

Na ábside, por trás da actual tribuna do altar-mor e encoberta por esta, tem uma pintura na parede com as imagens de santos e a data 15... em parte perfurada com a colocação daquela tribuna.

Do livro das visitas desta freguesia se vê que foram capituladas várias obras.

Nesse livro que principia em 1750 e finda em 1874 se nota que os Padroeiros foram por vezes remissos em fazerem obras nela ao passo que os fregueses as faziam prontamente. Em 1755 já estava ampliada a porta travessa do lado do sul.

Em 1763 o visitador manda fazer sequestro nos frutos das rendas paroquiais até à quantia de 20\$000 reis, por o Padroeiro não ter feito as obras capituladas nas visitas anteriores.

Em 1773, estando o altar-mor pela sua antiguidade e falta de pintura muito arruinado, manda-se fazer outro.

Deste livro, como se vê, não constam grandes obras; apenas pequenas reparações.

A Residência Paroquial ao lado sul da Igreja era pequena.

Em 1757 fazem-se nela algumas obras e em 1784 manda-se levantar a cozinha, que era térrea, à altura da sala.

O Cemitério Paroquial foi construído em 1887.

Encostadas à Igreja há várias cruces.

Antigamente estavam junto à parede do adro, mas depois do desaparecimento deste com a construção da Estrada Municipal passaram para o sítio onde estão.

Em uma do lado do norte tem a seguinte inscrição: «BENTO. FR.^{co} E. ANT.^o FRZ. MANDARÃO. FAZER. ESTA. CRVZ. POR. SVA. DEVOÇÃO. PADRE. NOSSO. E. AVE. MARIA. PELAS ALMAS, e em outra do lado do sul a data 1719.

Nesta freguesia há duas capelas, ambas particulares.

Capela de Nossa Senhora da Conceição.

É sita junto à casa do Reborido, a facear com o seu portão ameado e armoriado.

Em 1760 era administrada esta capela por Manuel da Costa Carvalho.

Em 1773 mandam-se fazer algumas obras e em 1797 foi interditada, enquanto o seu administrador a não ornar e reformar com a necessária decência.

Esta interdição porém não teve efeito, visto o administrador ter cumprido a sua obrigação.

Dentro da quinta do Reborido, perto desta capela, está um belo tanque em que a água cai por uma bica por cima da qual tem a data 1687.

Esta casa e capela, que era da família Costas Carvalhos de Barcelos, passou por compra para José Pereira da Silva, senhor da Casa da Igreja, e hoje é, por herança, do Ex.^{mo} Senhor Dr. José Gomes de Matos Graça.

Capela da casa de Ponteio.

Esta capela foi mudada em 1928 da quinta da Anta, freguesia de Lemenhe, Famalicão, para aqui.

Pertence ao Ex.^{mo} Snr. Manuel da Silva Gomes Moreira, mas ainda não se exerce nela culto.

Há nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: o de Ponteio, junto à Estrada Nacional n.^o 4, e o da Cepa, hoje abandonado.

Na visita de 1665 ordena-se como devem ser lidos os exorcismes nesta freguesia aos energúmenos, devendo ser de preferência na Igreja e às mulheres, sempre na presença de pessoas de honesto procedimento.

É curiosa a leitura deste livro das visitas, principalmente na época que decorre desde 1828 a 1834, onde vêm transcritas várias pastorais dos arcebispos, ou de quem as suas vezes fazia, nas quais o faciosismo político corre parelhas com os erros e falta de gramática, não sei se de quem as escreveu se dos copistas seus correligionários.